

O GRANDE DEBATE ENTRE O DESENVOLVIMENTO E O CRESCIMENTO ECONÔMICO NA PERSPECTIVA DA CRISE SANITÁRIA NO BRASIL

THE GREAT DEBATE BETWEEN DEVELOPMENT AND ECONOMIC GROWTH FROM THE HEALTH CRISIS PERSPECTIVE IN BRAZIL

Carlos Vinícius Marques dos Santos

¹RESUMO

Os países em todo o mundo foram acometidos por inúmeros acontecimentos que impactaram fortemente as suas economias desde a sua existência. Não diferente, o Brasil tem sofrido significativas perdas no que se refere a este setor, desencadeando uma ampla discussão no que tange ao crescimento e o desenvolvimento econômico, fomentado ainda mais pelo surgimento da crise sanitária ocasionada pela Covid-19. Nesta perspectiva, o presente documento objetiva apresentar discussões sobre o desenvolvimento e crescimento econômico, tendo em vista o período da pandemia. Assim, utilizou-se de pesquisa mista de base bibliográfica, por meio de levantamento de dados de base secundária. Em conclusão, alguns pontos merecem atenção de como a situação político-econômica do Brasil vai chegar e quais os pontos serão priorizados: o bem-estar da população; os indicadores de crescimento da economia nacional; geração de empregos e estabilidade da renda e a saúde mental e física.

Palavras-chave: Desenvolvimento e Crescimento Econômico. Pandemia. Desigualdade Social. Emprego e Desemprego. Mercado de trabalho.

ABSTRACT

Countries around the world have been plagued by numerous events that have strongly impacted their economies since their existence. Not unlike, Brazil has suffered significant losses with regard to this sector, triggering a wide discussion regarding growth and economic development, further fueled by the emergence of the health crisis caused by Covid-19. In this perspective, this document aims to present discussions on development and economic growth, in view of the pandemic period. Thus, a mixed bibliographic research was used, through secondary data collection. In conclusion, some points deserve attention as to how the political and economic situation in Brazil will arrive and which points will be prioritized: the well-being of the population; the growth indicators of the national economy; job creation and income stability and mental and physical health.

Keywords: Development and Economic Growth. Pandemic. Social inequality. Employment and Unemployment. Job market.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o primeiro caso da COVID-19 foi registrado pelos sistemas de vigilância de saúde de São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020. A doença é classificada como uma enfermidade respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2. No dia 30 de Janeiro de 2020 constitui-se uma

¹ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: carlosviniciusmarques@outlook.com

emergência internacional, sendo decretada como pandemia no dia 11 de março de 2020 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

A grande crise proporcionada pelo vírus gera um dos piores resultados para as economias em todo o globo. Os desafios provocados pelo surto da COVID-19 culminaram em fortes impactos negativos para a sociedade. Ademais, estimar ao longo prazo os efeitos negativos da pandemia ainda são incertos e a suas magnitudes com certeza serão preocupantes (AMITRANO; MAGALHÃES; SILVA, M., 2020). Entre outros problemas destacados pelos autores estão as ofertas de trabalho, produtividade do trabalho, os consumos das famílias, os investimentos e a relação entre o comércio exterior que foram prejudicadas.

É neste momento de crise e incertezas que emergem diversas discussões sobre a retomada da economia. Estas grandes discussões que perpassam a área econômica podem ser notadas na teoria do crescimento e do desenvolvimento econômico, intensificadas ainda mais com o surgimento do vírus (Covid-19). De um lado, defensores do crescimento, justificando que a economia nacional não pode parar bem como toda a sua cadeia que engloba as famílias e as empresas. Por outro lado, os defensores do desenvolvimento econômico, preocupados não somente com a economia nacional, mas também a segurança das pessoas, a saúde mental e física e as condições de vulnerabilidade no período da doença.

Dito isto, através da crise sanitária, tem-se demonstrado uma forte barreira para a realização das atividades presenciais. No país, como o Brasil, o Lockdown (fechamento de atividades não essenciais juntamente com os toques de recolher), visam evitar o crescimento do vírus. Com os casos aumentando de forma significativa, tanto o governo federal, estadual e municipal, anunciaram regras, dentro dos seus limites para conter o vírus. Todavia, os efeitos do isolamento social (IS) provocaram uma queda brutal na atividade econômica nacional (GULLO, 2020).

Assim como o Brasil, outros países também foram afetados no mercado de trabalho, em especial, na informalidade, demonstrando a grande instabilidade que o Brasil já possuía e foi agravado no período da pandemia (SOUZA; JÚNIOR, 2020). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), o país ocupa um dos primeiros lugares em relação a desigualdade medido pelo índice de Gini (um indicador que mede distribuição, concentração e desigualdade econômica e varia de 0 (perfeita igualdade) até 1 (máxima concentração e desigualdade)). Em meio há tantos problemas e situações, surgem alguns questionamentos: qual, ou melhor dizendo, quais serão as melhores alternativas a serem aplicadas? Quais são as medidas que o governo deve tomar? Decretar medidas de isolamento e fechamento de algumas atividades afetando

o desenrolar da economia ou não decretar e deixar as pessoas mais vulneráveis ao vírus? Tentando responder a estas hipóteses, serão apresentadas algumas discussões no texto a seguir.

Desde o ano de 2020, algumas medidas de fechamento, em determinados períodos de tempo, foram necessárias. Mas a grande problemática que este artigo pretende trazer é: com o fechamento das atividades presenciais não essenciais; o toque de recolher e entre outras medidas para conter o vírus, de que maneira a economia irá reagir e de qual maneira o governo deve promover a segurança da população nacional sem afetar a economia. Em meio a esta inquietação, objetiva-se neste trabalho a discussão envolvendo duas esferas de pensamentos: 1) O bem-estar da população, defendida pela teoria do desenvolvimento econômico e 2) O crescimento econômico, observando apenas pelo lado dos impactos negativos na economia nacional.

Estruturalmente, o texto está segmentado em 4 eixos. 1) Compõe-se esta introdução levantando alguns problemas e hipóteses da pesquisa, bem como sua contextualização. 2) Os procedimentos metodológicos, assim, caso outro pesquisador queira repetir a pesquisa, irá chegar aos mesmo resultados. 3) O Embasamento teórico juntamente com os resultados e discussões, pois utilizou-se como base bibliográfica, assim, estes dois eixos estão juntos e divididos em dois subtópicos: i) Desenvolvimento e crescimento como teorias econômicas e ii) A crise da Covid-19 e os seus efeitos para a desigualdade socioeconômica e 4) As conclusões da pesquisa, fechando alguns pontos finais de toda a discussão.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Existem inúmeros procedimentos metodológicos aplicados nas mais variadas pesquisas. Assim, para atender aos objetivos do presente artigo, fez-se um levantamento de coleta bibliográfica. Esta metodologia, segundo Menezes et al (2017), utiliza-se como base de informações documentos já publicados oriundos de periódicos, livros, entre outros materiais que contribuem para o debate acerca de determinado tema. Ademais, Dalberio e Dalberio (2009) reforçam as vantagens da metodologia de coleta bibliográfica, tendo em vista o grande acesso às informações, especificamente pelo fato de estarem disponíveis na internet. Através disso, foram selecionadas referências específicas sobre o debate do crescimento e o desenvolvimento econômico em complemento com informações divulgadas de órgãos e instituições que levantaram dados sobre a pandemia no país.

Como o trabalho fará usos de dados quantitativos por meio de levantamentos de números e qualitativo, tendo em vista as discussões apresentadas sobre os autores que abordam a teoria do crescimento e desenvolvimento, o trabalho fará uso de um método misto. De acordo com Creswell e

Clark (2011), são métodos com a junção da pesquisa qualitativa e da pesquisa quantitativa em um mesmo campo de investigação.

DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO COMO TEORIAS ECONÔMICAS

Não é recente a grande discussão no que tange a economia sobre a teoria do crescimento e desenvolvimento, bem como as suas características em virtude de desencadear outros inúmeros debates. Neste eixo, serão apresentados algumas peculiaridades sobre estas teorias. Mas afinal, existe diferença entre crescimento e desenvolvimento econômico? Para muitos, os termos são sinônimos, porém, para a grande maioria dos pesquisadores não podem ser misturados.

O crescimento juntamente com o desenvolvimento econômico tem a sua origem desde o surgimento da própria economia. Na medida na qual os anos foram passando e os diversos acontecimentos históricos surgindo na sociedade, os conceitos sofreram modificações. A princípio, ambos eram considerados um só, porém, atualmente, existe um grande debate das suas características e peculiaridades (SANTOS et al, 2017). Na visão de Veiga (2010) as teorias só ganharam força de discussão após o ano de 1950.

Na medida na qual o desenvolvimento “em termos da universalização e do exercício efetivo de todos os direitos humanos: políticos, civis e cívicos; econômicos, sociais e culturais; bem como os direitos coletivos ao desenvolvimento, ao ambiente etc.” (SACHS, 2004, p.37). Por sua vez, o “crescimento econômico refere-se a um aumento no produto total na economia. Ele é definido por alguns como sendo um aumento do PIB real per capita” (AVERLAR, 2013). Já para Adelman (1961 apud TOSCANO; CALLE, 2006,) “el desarrollo económico es un proceso mediante el cual la renta nacional real de una economía aumenta durante un largo período de tiempo”.

A ideia deste último autor já contraria os demais, isso porque segundo Matos e Rovella (2021), revelam que inicialmente a teoria do crescimento e desenvolvimento econômico eram considerados apenas um. Porém, com o passar do tempo eles se separaram. De um lado, o desenvolvimento, deixando de ser apenas o crescimento propriamente dito e passou a ser associado nas dimensões políticas, sociais e ambientais, tornando-se assim mais complexo.

O desenvolvimento econômico proporciona uma vida melhor para os seres humanos, em decorrência do crescimento. Na visão de Miller (2007), o desenvolvimento seria um resultado do crescimento, na qual é medido por indicadores, geralmente um dos mais utilizados é o Produto Interno Bruto (PIB). O aumento da renda per capita de uma determinada região já é um indicador de desenvolvimento (VIEIRA; AVELLAR; VERÍSSIMO, 2014). Para Toscano e Calle (2006, p. 1):

La concepción sobre el desarrollo en la economía se caracteriza por su heterogeneidad y no unicidad alrededor de un conjunto de planteamientos diversos. Al respecto han existido a lo largo de la evolución de la economía del desarrollo diferentes teorías enmarcadas igualmente en diferentes formas de pensamiento y opciones ideológicas. Estas distintas posiciones han sido influenciadas de una forma importante por los respectivos momentos históricos en los cuales se construyeron cada una de las teorías

Segundo a Formação de Agentes de Desenvolvimento (2009b) para se promover o desenvolvimento necessita de uma série de conjunto com a população. É levada em consideração não somente indicadores de crescimento econômico, mas também a qualidade de vida das pessoas e a construção de uma sociedade mais solidária, social e sustentável. Com os impactos decorrentes do vírus, torna-se difícil adaptar-se a estas características, em razão de muitos estarem com medo, ansiosos e pela falta de empatia pelo governo. Na visão de Silva (2018a) o desenvolvimento socioeconômico possibilita séries de vantagens para os indivíduos que podem ser notados principalmente no campo do bem-estar.

As políticas públicas são as principais ferramentas para promover o desenvolvimento econômico. Todavia, no momento da formulação destas políticas, as pessoas devem se fazer presente para evitar interesses particulares de uma parte da população, além da participação da sociedade ajudar nas elaborações das políticas, tendo em vista a implementação de uma ação compartilhada entre o governo (SILVA, O., 2018). É nesse momento de solidariedade que o governo brasileiro deve pensar acima de tudo na saúde da nação e como as suas decisões afetam diretamente a vida dos indivíduos

Contextualizando sobre o crescimento econômico, um dos problemas destacados por Santana (2012) são os resultados negativos no setor ambiental, originando grandes quantidades de poluição, de desmatamentos e consumo excessivo dos recursos naturais e no âmbito social devido a geração de desigualdade. Para a autora, alguns indicadores econômicos devem ser revistos, necessitando novas avaliações.

Para mais, será apresentado agora sobre os resultados da pandemia para a economia brasileira e como todos os seus efeitos causaram pânico entre as pessoas. Além, também, de ter aumentado a insegurança e fomentando uma instabilidade no setor do mercado de trabalho, destacando o setor informal.

A CRISE DO COVID-19 E OS SEUS EFEITOS PARA A DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA

É notável como milhares de cidadãos são afetados pelo vírus e muitos não possuem as opções de escolherem entre manter ou não o IS. Segundo o levantamento realizado pelo Ministério

da Saúde (2021), mais de 11.363.380 brasileiros já foram infectados. Nesta perspectiva, serão debatidos assuntos sobre os efeitos negativos que incidem na vida dos brasileiros, destacando os que possuem baixa renda. Assim, pretende-se trazer uma discussão das consequências e limitações desta parcela forçadas a trabalharem para não morrerem de fome. Ademais, serão apresentados com base nas informações disponibilizadas pelo IBGE dados sobre o desemprego e impactos na geração de renda.

A insegurança começou a tomar conta das pessoas e reforçado com os pensamentos de medo e angústia fomentaram a instabilidade da economia do Brasil. Os agentes econômicos (família, governo e empresa), desestabilizou-se em meio a estas incertezas refletindo no comércio internacional e no mercado de trabalho. O grande número de demissões, a falta de crédito e o débito de investimentos foram o fulcro para o colapso (MINISTÉRIO DA ECONOMIA, 2020b). De acordo com o IBGE (2020), desde o início da pandemia, em média, 716.000 empresas fecharam as suas portas.

Para mais, o nível de informalidade no Brasil é muito alto, desencadeando um grande problema para todo o mercado nacional. Desde há muito tempo, o mercado de trabalho é acometido por crises que interferem significativamente na sua composição. Segundo as suas origens, podem ser de diferentes formas, tendo como exemplo principal, a crise sanitária mundial (SILVAc).

A grande problemática na qual os países vêm vivendo em relação aos mais vulneráveis, especificamente o Brasil é muito complexo, devido que é necessário lidar com algumas situações e precisa de várias estratégias eficazes para alcançar e atender às suas necessidades. A pandemia tem causado enormes prejuízos sociais, principalmente na área da saúde, demonstrando ainda mais a precariedade deste setor. Além do mais, a crise intensificou os problemas no setor do emprego, em destaque o setor informal. “A pandemia, nesse contexto, atinge com maior intensidade a população que vive na informalidade e reside em áreas precárias, ou seja, que têm rendimentos baixos e irregulares” (COSTA 2020, P. 971).

Para Bezerra et al. (2020) o isolamento social pesou mais no efeito referente à questão econômica para a parcela dos habitantes brasileiros com uma menor renda. Não por questões de não respeitarem o IS, mas pela necessidade de estarem trabalhando. Segundo os autores, a massa carente sofre com a assimetria de informação do vírus fomentando a transmissão do mesmo. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), os mais vulneráveis são os mais prejudicados em razão de formarem a grande parte do sistema informal de trabalho e viverem em regiões periféricas. Gerando assim um grande impacto na renda desses indivíduos.

Em síntese, os cidadãos com menor renda sofrem:

- 1) Poucas informações a respeito do vírus, bem como os métodos de segurança e afins;
- 2) Devido a necessidade de trabalharem e de se locomoverem, os transportes, de forma geral, estão lotados e sem nenhuma medida de segurança. Correndo mais riscos de se contagiar;
- 3) Maior exposição na área de trabalho. Pois grande parte das pessoas trabalham na linha de frente, já que a parcela da população com maior renda tem a opção de optar ou não por trabalhar.

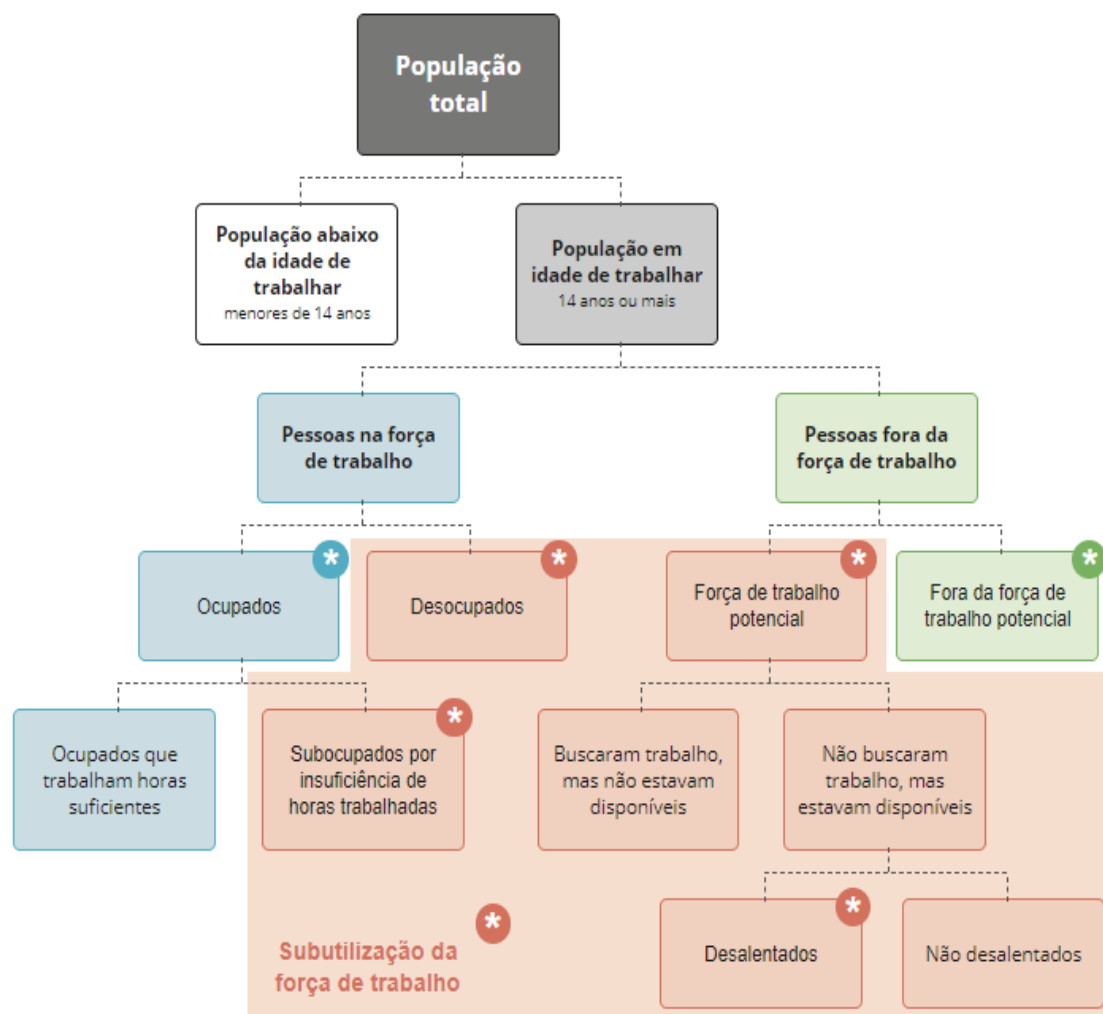
Outro ponto de fundamental importância a ser destacado são as atividades remotas (home office). Para muitos, esse novo modelo possibilitou uma forma alternativa de trabalho. Mas para aqueles grupos de sujeitos sob condições de não possuir acesso a internet de qualidade e/ou aparelhos eletrônicos, a situação se agrava. Segundo Sposati (2020) a alternativa do home office exclui uma parte da sociedade em razão de não conseguirem desempenhar as atividades neste modelo.

Bezerra (2020) e outros pesquisadores levantaram uma pesquisa transversal tendo em vista um levantamento de informações primárias por meio da aplicação de questionários. O objetivo da pesquisa era coletar informações acerca do isolamento social e os seus efeitos na vida das pessoas. Em síntese, os resultados concluíram o forte impacto na renda, destacando as pessoas mais carentes, como já discutido aqui pelos outros autores. Ademais, problemas no efeito psicológico aumentaram. E novamente o público mais afetado é o pobre. Visto que a pesquisa constatou que a amostra do estudo está praticando menos esportes, acarretando na facilidade de problemas psicológicos. De forma geral, a população pobre é afetada por três principais fatores: i) Insegurança da sua renda; ii) Problemas mentais e iii) Problemas físicos. Todos estão totalmente atrelados entre si.

Abaixo, serão apresentadas informações sobre a questão do desemprego. Os dados foram extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021) por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua², através das séries históricas e pretendem analisar de forma quantitativa alguns valores sobre emprego, de modo geral. É interessante destacar que pessoas acima de 14 anos em virtude de não estão trabalhando, mas estão buscando emprego se enquadram como desempregados. Para melhor explicação, segue o fluxograma 1 disponibilizado pelo IBGE.

Fluxograma 1- As divisões do mercado de trabalho no Brasil.

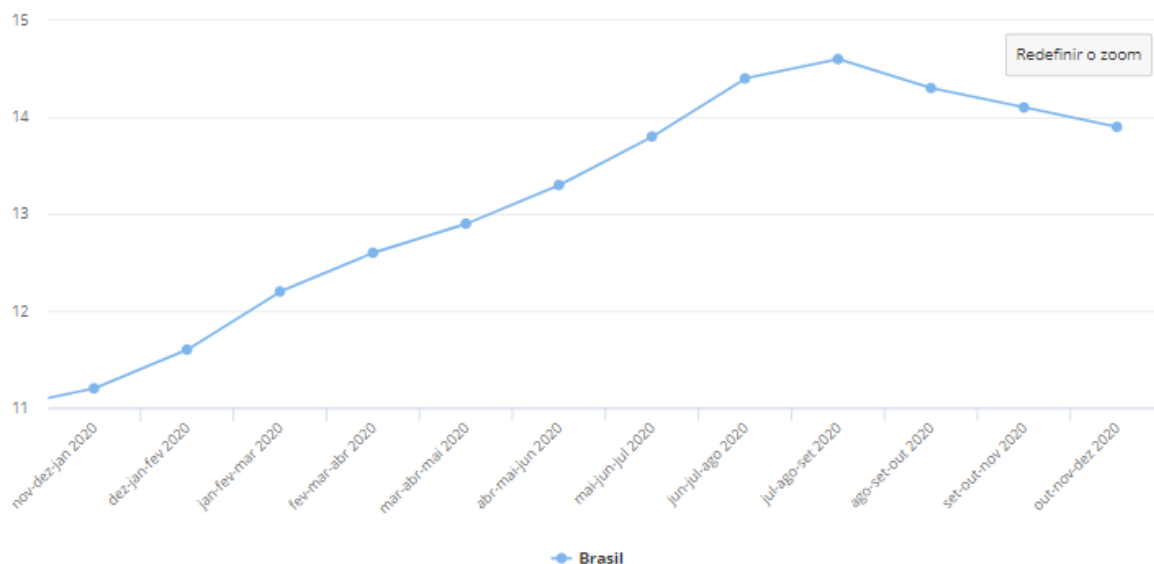
² Metodologia usada pelo IBGE que mostra quantos desempregados há no Brasil.



Fonte: IBGE, 2021.

No gráfico abaixo (1), estão contidas as informações sobre a desocupação, conhecido também como taxa de desemprego, correspondente ao ano de 2020. A sequência em valores numéricos em percentual correspondente a cada mês são 11,2%, 11,6%, 12,2%, 12,6% , 12,9%, 13,3%, 13,8%, 14,4%, 14,6%, 14,3% , 14,1% e fechando o ano com 13,9%, respectivamente.

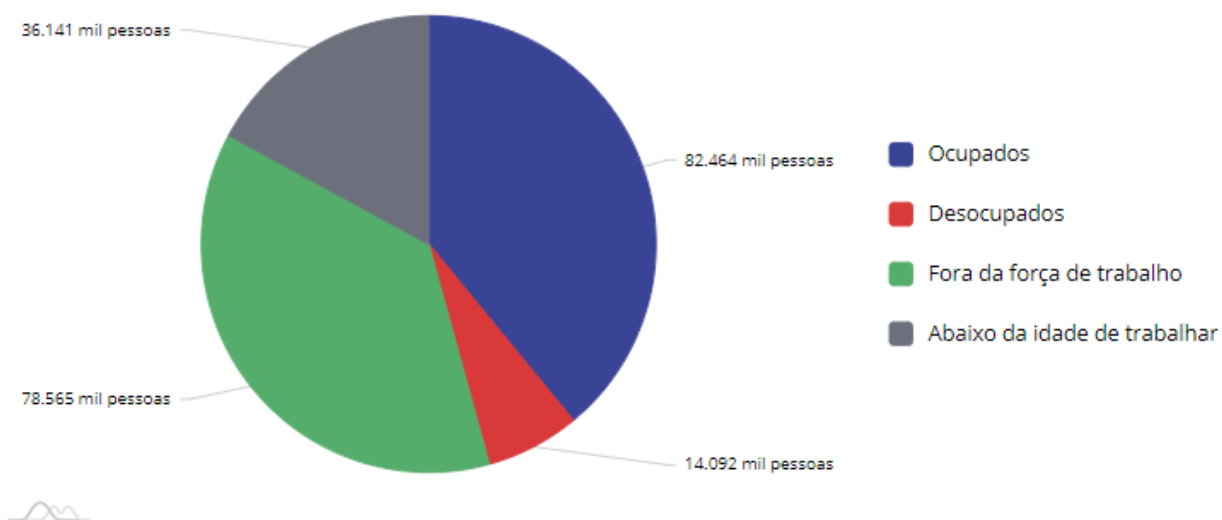
Gráfico 1- Taxa de desocupação no Brasil no ano de 2020.



Fonte: IBGE, 2021.

O gráfico de número 2 contém as informações dos residentes brasileiros de acordo com as divisões do mercado de trabalho no 3º trimestre de 2020. Pode-se perceber que no gráfico possui 4 classificações para melhor visualização da situação do país. Por mais que grande parte da população esteja ocupada (empregada), há uma parcela significativa desempregado. Observando pelo ponto de vista da informalidade.

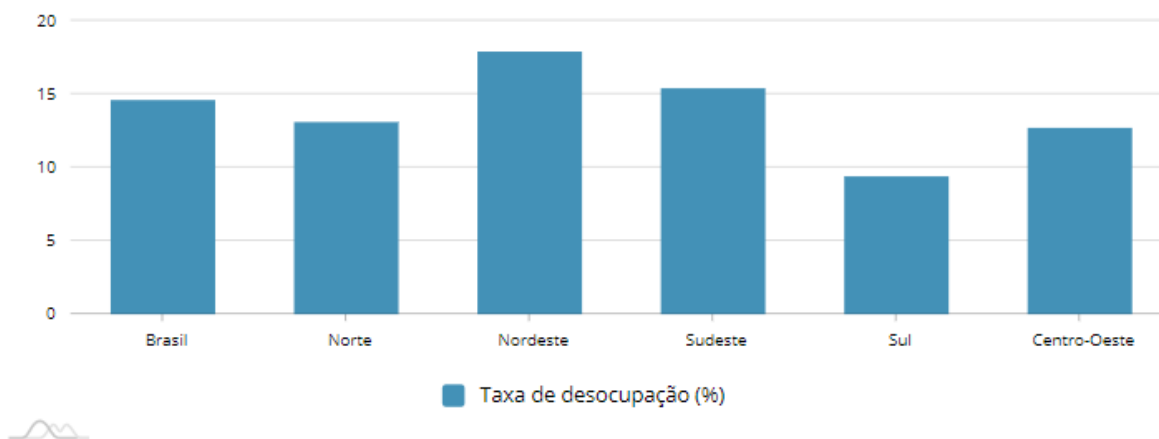
Gráfico 2- População brasileira, de acordo com as divisões do mercado de trabalho, 3º trimestre 2020.



Fonte: IBGE, 2021.

Em complemento, analisando do ponto de vista regional, o gráfico 3 contém a taxa de desemprego das 5 regiões do Brasil. Percebe-se que a região Nordeste apresenta o maior quantitativo, em torno de 17,9%, seguida da região Sudeste com 15,4%, a região Norte com 13,1%, o Centro-oeste com 12,7% e por fim o Sul com 9,4%. Novamente a desigualdade que assola a região Nordeste é perceptível, reforçado ainda mais pela questão do vírus.

Gráfico 3-Taxa de Desocupação no Brasil e nas Grandes Regiões, 3º trimestre 2020.



Fonte: IBGE, 2021.

Ressalta-se que os dados apresentados acima são do mercado formal. Como discutido anteriormente, grande parte da população com renda baixa está no campo da informalidade. Porém, por motivos para complementar as informações e fazer uma análise mais detalhada, resolveu expor as informações do emprego e desemprego formal. Devido às instabilidade³ no primeiro semestre do ano de 2021, optou-se pelo ano de 2020 para os estudos, mesmo tendo dados mais atualizados sobre o ano de 2021.

CONCLUSÕES

Referente a pandemia, a população brasileira tem passado por grandes problemas, especialmente a parcela que têm renda baixa. Como apresentado, essas pessoas não possuem poder de decisão se vão ou não trabalhar no período do isolamento. Em suma, encontram-se mais vulneráveis, uma vez que estão na linha de frente desde o momento de pegarem os transportes, exclusivamente coletivos até o momento do trabalho. Além do mais, o próprio trabalho é a incerteza, porque muitos estão no setor da informalidade, sem garantia de direitos e proteção.

No que tange a economia formal, os aglomerados de trabalhadores foram impactados simultaneamente com o fechamento de empresas. Devido às incertezas no mercado com as

³ As instabilidades estão relacionadas com incertezas no âmbito da saúde bem como a economia que podem influenciar nas análises no curto prazo.

dificuldades financeiras, a pandemia provocou retrocesso nas vendas e consumo, tanto do serviço (mais afetado) quanto na indústria. Ao curto prazo, gera uma diminuição do poder de compra do consumidor, realizando menos aquisições de bens e serviços.

É notório como os defensores do desenvolvimento econômico se remetem a questões da relação entre o governo e a sociedade. Independente dos meios para se promover o desenvolvimento econômico, sempre as características da população juntamente com os fatores sociais podem influenciar nas tomadas de decisões através das ações governamentais. Assim, o desenvolvimento abarca não somente as questões do crescimento como os valores números, mas também a desigualdade, sustentabilidade, saúde e bem-estar de forma geral. Em contrapartida, o crescimento, para muitos, é puramente maiores indicadores na economia, na qual, o objetivo é apenas crescer sem levar em consideração os fatores como o desenvolvimento considera.

Por este motivo, o governo brasileiro deve repensar várias decisões e observar quais serão os seus efeitos a curto e longo prazo e como a população brasileira será afetada. Assim, é importante salientar a grande crise que todo o globo vem passando e como as políticas públicas são importantes para as pessoas. Em especial, quando pensadas para o bem da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMITRANO, Claudio; AGALHÃES, Luís Carlos G. de; SILVA, Mauro Santos. **MEDIDAS DE ENFRENTAMENTO DOS EFEITOS ECONÔMICOS DA PANDEMIA COVID-19: PANORAMA INTERNACIONAL E ANÁLISE DOS CASOS DOS ESTADOS UNIDOS, DO REINO UNIDO E DA ESPANHA.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-ISSN 1415-4765.

AVELAR, Paulo Ricardo de. **CRESCIMENTO ECONÔMICO E SAÚDE: Crescimento**

x **Desenvolvimento.** Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: https://www.ufjf.br/oliveira_junior/files/2011/08/Aula-7-ecoufjf.pdf. Acesso em: 04 de mar. 2021.

BEZERRA, A et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. saúde coletiva** vol.25 supl.1 Rio de Janeiro jun. 2020 Epub 05-Jun-2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702411&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 07 de mar. 2021.

CARVALHO, Luis et al. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância** /Petrolina-PE, 2019. Universidade Federal do Vale do São Francisco. ISBN: 978-85-60382-91-0.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA** | Rio de Janeiro 54(4):969-978, jul. - ago. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200170>. ISSN: 1982-3134. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v54n4/1982-3134-rap-54-04-969.pdf>. Acesso em: 05 de mar. 2021.

CRESWELL, J. W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches.** Thousand Oaks, California: Sage, 2009.

DALBERIO, O.; DALBERIO, M. C. B. **Metodologia científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

Formação de Agente do Desenvolvimento. **Território e Desenvolvimento Local**. 2ª edição Revisada Porto Alegre | julho | 2009. Disponível em: http://camp.org.br/files/2014/02/caderno_Territorio_e_Developolvimento_Local.pdf. Acesso em: 09 de mar. 2021.

GULLO, MARIA CAROLINA R. A ECONOMIA NA PANDEMIA COVID-19: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, 2020, 12 (3 – Especial Covid 19), 1-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a05>. ISSN:2178-9061.

IBGE EXPLICA. **Desemprego**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 03 de mar. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Séries históricas. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego. Acesso em 07 de mar. 2021.

MATOS, Richer de Andrade; ROVELLA, Syane Brandão Caribé. Do crescimento econômico ao Desenvolvimento Sustentável: Conceitos em evolução. **Administração & Ciências Contábeis Revista eletrônica dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis**. Faculdade Opet. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-cc-adm/pdf/n3/DO-CRESCIMENTO-ECONOMICO-AO-DESENVOLVIMENTO-SUSTENTAVEL-CONCEITOS-EM-EVOLUCAO.pdf> . Acesso em: 04 de mar. 2021.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Ministério da Economia avalia impacto econômico do coronavírus. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestaopublica/2020/03/ministerio-da-economia-avalia-impacto-economico-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

MILLER, G. Tyler. *Ciência ambiental*. Tradução All Tasks. São Paulo. Thomson, 2007.

SANTANA, Naja Brandão. **Crescimento econômico, desenvolvimento sustentável e inovação tecnológica-uma análise de eficiência por envoltória de dados para os países do BRICS**. Tese apresentada à Escola de São Carlos, Universidade de São Paulo. Disponível: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18157/tde-11102012-094514/publico/NAJABRANDAOSANTANA.pdf>. Acesso em 08 de mar. de 2021.

SANTOS, et al. Desarrollo y el crecimiento económico de Mato Grosso de las macrorregiones en 2005 y 2013. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 3, p. 169-182, jul./set. 2017.

SILVA, Onildo Araujo da. **Políticas públicas e planejamento territorial**. 1 ed. Feira de Santana: Editora Zarte, 2018. ISBN: 978-85-93230-31-8

SPOSATI, A. O. COVID-19 revela a desigualdade de condições da vida dos brasileiros. **NAU Social**, v. 11, n. 20, p. 101-103, 2020. ISSN - 2237-7840.

TOSCANO, Óliver Mora; CALLE, Stella Venegas. Las Teorías del Desarrollo Las Teorías del Desarrollo Económico Económico: algunos postulados gunos postulados gunos postulados y enseñanzas. Publicación semestral del Centro de Estudios Económicos – CENES Escuela de Economía Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia. VOLUMEN XXV, Número 42, II semestre de 2006. ISSN 0120-3053.

Disponível

em:

https://repositorio.uptc.edu.co/bitstream/001/1462/1/RED_211_La_teoria_desarrollo_economico.pdf. Acesso em: 02 de Mar. 2021.

VIEIRA, Flávio Vilela; AVELLAR, Ana Paula; VERÍSSIMO, Michele Pollin. Indústria e crescimento econômico: evidências para países desenvolvidos e em desenvolvimento. Revista de Economia Política, vol. 34, nº 3 (136), pp. 485-502, julho-setmebro/2014.